



COMER, BEBER E DIVERTIR: ALIMENTAÇÃO, ESPORTES E ENTRETENIMENTO NO RIO DE JANEIRO DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

EATING, DRINKING AND HAVING FUN:
FOOD, SPORTS AND ENTERTAINMENT IN RIO DE JANEIRO
IN THE SECOND HALF OF THE 19TH CENTURY

Cleber Eduardo Karls¹
Thaina Schwan Karls²

RESUMO

O século XIX, especialmente a sua segunda metade, é o palco de uma série de modificações de diversas ordens na cidade do Rio de Janeiro. As ideias de modernidade em voga à época, associadas a um novo contexto social e econômico, contribuíram para a ampliação do mercado de entretenimento, onde as práticas esportivas, restaurantes e confeitarias estavam inseridos e se relacionando. Esse artigo busca discutir como o desenvolvimento esportivo, dos divertimentos e dos espaços de alimentação estão relacionados entre si e com o processo de modernização da cidade do Rio de Janeiro na última metade do período oitocentista. Para essa análise, utilizamos como fontes os periódicos publicados na cidade no período em tela. É possível perceber que, mesmo possuindo atributos distintos, esportes e locais públicos de alimentação são peças integrantes de uma mesma conjuntura de modernização e divertimento e se relacionam, tanto no que se refere a associação a um crescente mercado de entretenimento, quanto nas suas atividades principais que acabam se diluindo e se sobrepondo.

Palavras-chave: alimentação; esporte; diversão.

ABSTRACT

The 19th century, especially its second half, is the stage for a series of changes of different types in the city of Rio de Janeiro. The ideas of modernity in vogue at the time, associated with a new social and economic context, contributed to the expansion of the entertainment market, where sports, restaurants and confectioneries are inserted and interacting. This article seeks to discuss how the development of sports, entertainment and food spaces are related to each other and to the modernization process of the city of Rio de Janeiro in the last half of the 19th century. For this analysis, we used as sources the periodicals published in the city during the period in question. It is possible to see that, even though they have different aspects, sports and public eating places are integral parts of the same modernization situation and are related, both in terms of association with a growing entertainment market, and in their main activities that end up diluting and overlapping.

Keywords: food; sport; fun.

¹ Doutor em História Comparada - UFRJ. Professor e coordenador dos cursos de História, Ciências Sociais e Filosofia modalidade EAD da Universidade Veiga de Almeida – UVA (RJ). E-mail: cleber.karls@uva.br.

² Doutora em História Comparada - UFRJ. Professora Adjunta do Curso de Gastronomia e do Programa de Pós-Graduação em História Comparada – PPGHC da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Estudos Históricos da Alimentação e Gastronomia no Brasil e do Projeto de Extensão Saberes, Sabores e Práticas Gastronômicas da Culinária Brasileira. E-mail: thainaschwan.ufrj@gmail.com.



Diversão, esportes e alimentação: como essas três variáveis se relacionam e são pilares para a compreensão da História do Rio de Janeiro oitocentista e do seu processo de modernização? Modernidade, que pode ser entendida de maneira ampla como um conjunto de experiências inéditas, de modificações, promessas, mas, como aponta enfaticamente Marshall Berman (1986), é um conjunto de ideias que se demonstram contraditórias, concomitantemente progressistas e conservadoras. Ao mesmo tempo, dão sentido e perdem a capacidade de organizar a vida das pessoas. Estão a todo o momento se reinventando, buscando novos objetivos.

É esse contexto embebido em ideias “importadas” que marcaram época no Brasil, associado a outras características de origem econômica e social, que destacamos como palco para o nosso estudo. Não há dúvida que é ponto intensamente debatido e marcante na historiografia, temáticas relativas à cidade do Rio de Janeiro no século XIX. A urbe, no decorrer do período oitocentista, foi influenciada fortemente por pensamentos eurocêntricos tidos como avançados, evoluídos, representantes de um ideal de modernidade. Era o principal ponto de contato entre o Velho Continente e o Brasil. Essa inspiração e relação com a Europa era tão marcante que Sandra Jatahy Pesavento registrou que o que se buscava no Rio de Janeiro era a criação de uma “*Paris-sur-mer* na sua vertente tropical” (PESAVENTO, 2002, p. 161)³.

Nossa intenção, todavia, não é revisitar as produções historiográficas acerca do processo de modernização da cidade no século XIX. Buscamos discutir, a partir de um recorte muito particular, a relação dos espaços de alimentação, especificamente, confeitarias e restaurantes, com as atividades esportivas e de diversão e o processo de modernização do Rio de Janeiro no período oitocentista. Temos consciência que o desenvolvimento das ideias de modernidade não pode ser vinculado apenas e essas variáveis. Com efeito, conforme apresentaremos no decorrer desse trabalho, temos convicção que a ampliação, diversificação e consolidação, tanto de ambientes de alimentação pública quanto locais para a prática esportiva e de diversão, estão vinculados e foram fatores fundamentais para o processo de modernização da cidade.

Para esta abordagem, utilizamos como fonte os periódicos publicados na cidade do Rio de Janeiro no período em tela. Os jornais são marcas do passado, que contém informações e sensibilidades excepcionais sobre o cotidiano. Nesse sentido, concordamos com Luca (2011), quando ressalta que a imprensa se valorizou enquanto fonte quando a própria História percebeu a sua incapacidade de dar respostas globais e construir verdades. A pesquisa histórica passou a apreciar e considerar novos documentos que não eram mais

³ Para mais informações sobre o desenvolvimento dos esportes, diversões e entretenimento na cidade do Rio de Janeiro no século XIX ver Melo (2001; 2022) e Karls (2017a).



os detentores das respostas a todas as perguntas, mas, sim, representantes de valiosas interpretações e representações de um tempo. Nesse conjunto, a imprensa se encaixa exatamente, com suas opiniões, posições, impressões, destaques e tudo o que faz dela uma riquíssima fonte de informações.

Quando nos referimos ao processo de desenvolvimento do campo esportivo, da indústria do entretenimento e, conseqüentemente, da ampliação de espaços públicos de alimentação como confeitarias e restaurantes, temos o século XIX como período privilegiado (KARLS, 2017a; 2017b). Essas variáveis são aspectos destacados de um amplo processo que, *a priori*, parecem não ter uma conexão profunda, mas, através de um olhar mais atento, é possível perceber os vínculos, relações, convergências entre eles no período em que se desenvolvem *pari passu*.

Alimentação, esportes, diversão e modernidade, se adaptavam ao discurso e às práticas nacionais, onde ideias progressistas se miscigenavam a costumes conservadores, em uma tradução inédita de pensamentos que, no Brasil, assumiam um novo significado: “se, por um lado, os engenheiros converteram-se em símbolos máximos de modernidade, de outro, práticas rituais legadas dos tempos da escravidão insistiam em dividir os mesmos espaços dessa urbanidade recém inaugurada” (SCHWARCZ, 2012, p. 22). Conjugado a inúmeras variáveis regionais, o campo esportivo e a ampliação de ambientes públicos de alimentação se configuraram no Brasil, se adaptando a perfis de formação e desenvolvimento singulares em que está inserido o Rio de Janeiro.

Associado a essas “novas” ideias, o esporte formava o seu campo e, aos poucos, era introduzido como referência nesse conjunto de pensamentos. O que aconteceu foi uma tentativa de reprodução da “evolução” europeia, um espelhamento no exemplo a ser seguido que já era discutido entre uma elite intelectual e econômica da época. Esses princípios se cruzavam com as ascendentes práticas modernas em voga. Cafés, confeitarias, restaurantes e, evidentemente os esportes, também eram sinônimo de progresso e evolução:

Os espaços “culturais” da vida elegante, nos quais se cruzavam as conversas da vida mundana carioca com ditos e espírito e comentários sobre obras, autores e “modos” e “modas” de pensar; eram, principalmente, as livrarias, os cafés e as confeitarias. E, sobretudo, havia ainda a Rua do Ouvidor, preexistente à reforma urbana do Rio, tradicional ponto de encontro onde a elite se reunia para discutir, observar o movimento e, fundamentalmente, para ser vista. A socialização mais ampla seria dada pela frequência à Ópera, ao **Joquey Club** e aos clubes sociais e “salões”, cópia nacional dos salões literários franceses, assim como a assistência a conferências, outra mania importada e que se tornara “coqueluche” no Rio da *Belle Époque*. (PESAVENTO, 2002, p. 179 – grifos nossos)



Esse desenvolvimento cultural, intelectual e, por consequência, das ideias que faziam com que as diversões, nas quais se enquadravam as visitas às confeitarias e aos jockeys club, por exemplo, ganhassem cada vez mais espaço estava ligado a um grande contexto de ampliação de instituições, como as faculdades de direito e medicina, e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Estas entidades estavam encarregadas, entre outros propósitos, de pensar o Brasil. A produção científica europeia aportava no país e ganhava cada vez mais apreciadores, conquistando, dentro desse cenário, ampliadas instâncias de discussões. (SCHWARCZ, 1993)

É nesse mesmo bojo que os espaços destinados a alimentação alargaram seu destaque, consequência de uma cidade cada vez maior, desenvolvida e moderna. O “velho” Rio evoluía entre tropeços e dificuldades, como destacou Renault (1978). Novas características de um centro urbano que se desenvolvia se adaptavam a essa inédita condição. Os horários das repartições públicas que alteraram a rotina fluminense, tiveram grande influência na instalação de novos restaurantes e casas de comestíveis, que buscavam atender a população trabalhadora. O periódico *Correio Mercantil*, em 20 de julho de 1861, ilustrou bem essas novas relações sociais quando sublinhou que era necessário lembrar “a todas as pessoas que pelos seus afazeres não tenham tempo de almoçar em suas casas, que hoje encontrarão belíssimos almoços [...] lá na praça da Constituição” (p. 3). A alimentação, em locais públicos, era uma realidade gradualmente mais prestigiada e necessária.

Houve diferenças na apreensão dessas novidades por parte dos diversos estratos sociais. Se existiam charmosos e caros restaurantes para os endinheirados, as camadas de baixa renda tiveram o hábito de comer fora de casa imposto pelo horário de trabalho das casas comerciais, que encerravam o expediente em torno das 22 horas. Essas instalações, na sua maioria dirigida por portugueses, eram tavernas⁴, botequins e casas de pastos⁵ que ofereciam opções populares e geralmente eram frequentados por funcionários públicos, operários, caixeiros e pequenos comerciantes (BELLUZZO, 2010a). Belluzzo (2010b) ainda afirma que as camadas populares eram o público principal dos botequins que, com suas mesas de bilhar, eram considerados locais infectos. Nesse mesmo sentido, Denise

⁴ Belluzzo (2010a) define que “as tavernas ou adegas eram uma espécie de armazém onde vendiam vinhos, cachaça outros tipos de bebidas alcoólicas, além de petiscos e comidas caseiras a bom preço” (p. 67).

⁵ De acordo com Belluzzo (2010a), as casas de pastos “atendiam uma camada média. As refeições servidas eram de dois tipos: ‘prato de colher’ ou ‘prato de garfo’. O ‘prato de colher’ conhecido também como ‘prato único’, dispunha das seguintes opções: sarrabulho (ensopado preparado com carne, miúdos e sangue de porco), ‘iscas com elas’ (prato composto de bacalhau com batatas) ou ‘sem elas’ (prato composto de bacalhau sem batatas), tripas à moda do Porto, guisado de mocotó, canja de galinha e angu de quitandeira. A segunda alternativa, o ‘prato de garfo’, tinha *menu* fixo a preço único. O cardápio, mais leve e refinado, era acompanhado por meia garrafa de vinho” (p. 67).



Sant'Anna (2011, p. 306) assegura que, “diante do estabelecimento de novos cafés e restaurantes, os antigos quiosques e tabernas pareceram mais do que nunca sujos, pobres e desconfortáveis”.

Entre tantas mudanças, o Segundo Reinado pode ser considerado a época de maior popularização das confeitarias. Elas faziam cada vez mais sucesso no Rio de Janeiro. Foi neste período que o número de estabelecimentos mais refinados e dirigidos por *pâtissiers* franceses e italianos prosperou (BELLUZZO, 2010a; RENAULT, 1982).

As confeitarias eram frequentadas por pessoas de diversas camadas sociais, famílias e, cada vez mais, por mulheres que conquistavam gradativamente o cenário público. Além da presença marcante de cavalheiros, esses locais eram também visitados por senhoras acompanhadas pela família, todos dispostos a degustar sorvetes⁶ nevados, doces, pastéis e vinhos (Belluzzo, 2010a). A autora afirma que, “com o passar do tempo, as mulheres acompanharam a urbanização da cidade e conquistaram o espaço público. Passaram da casa às ruas frequentando teatros, confeitarias e restaurantes” (p. 112).

A tendência à presença feminina nos ambientes públicos de alimentação pode ser considerada, também, uma consequência da modernização da cidade, que se demonstrava física e culturalmente. Os ambientes coletivos passaram a ser locais de novos hábitos onde a alimentação, que fazia parte de um novo *metier* urbano e moderno, ganhava diversos ares. Em relação à ocupação desses espaços pela população feminina, Alberto da Costa e Silva (2011) afirma que o contato cada vez maior com profissionais estrangeiros, especialmente franceses, acelerou o processo. As ruas do centro passaram a ser pontos que além de comerciais, eram sociais. Era o palco predileto daqueles e daquelas que queriam ver e serem vistos, a exemplo da metrópole mais famosa à época, Paris.

Principalmente, a partir da segunda metade do século XIX, os restaurantes e confeitarias se tornaram serviços conhecidos pela população fluminense, também pela ascensão de uma nova camada social endinheirada que valorizava essas novidades. Belluzzo (2010b) destaca que o Segundo Reinado foi o palco da elevação à posição de relevância da burguesia que, representada principalmente por comerciantes bem sucedidos e burocratas, exaltava e praticava hábitos europeus. Frequentar restaurantes e confeitarias

⁶ “Uma novidade para os brasileiros foi o sorvete. Em 1834, aportou no Rio de Janeiro o navio americano Madagascar, com 160 toneladas de blocos de gelo, trazidos de Boston e acondicionados em serragem. Os blocos eram enterrados e conservados em covas profundas por quatro ou cinco meses” (BELLUZZO, 2010a, p. 75). Cruls sinaliza que, “a princípio, o carioca recebeu-o meio resabiado. Parecia que lhe queimava a boca” (1949, p. 304). Mas, enfim, os sorvetes caíram no gosto das famílias cariocas (BELLUZZO, 2010b, p. 75). Segundo Freixa e Chaves, “vale destacar que D. Pedro II apoiou a importação de uma paixão da época, o sorvete. Depois que ele degustou e aprovou essa delícia gelada, preparada então de forma rudimentar com gelos que vinham dos lagos congelados do norte dos Estados Unidos, o doce caiu no gosto da população” (2009, p. 200).



poderia ser interpretado como a representação de hábitos modernos, evoluídos e requintados, adequados a um país e a uma cidade que buscavam progredir.

Os restaurantes da segunda metade dos oitocentos, além de ofertar comida e bebida, também disponibilizavam diversão, especialmente com mesas de bilhar e música. Nesse sentido, os periódicos que circulavam na cidade à época testemunharam e registraram esse processo em suas páginas. É o que podemos perceber, por exemplo no *Correio Mercantil* (04/08/1859, p. 3) que anunciou a abertura de um salão com dois bilhares no *Restaurant Recreio Comercial*, assim como o estabelecimento *Real Hotel de Veneza*, que dispunha de *restaurant* e bilhares (CORREIO MERCANTIL, 20/09/1860, p. 3).

Esse era um processo que progressivamente se consolidava como característica de relações sociais que valorizavam o ambiente público e que viam na diversão uma importante característica. Esse transcurso pode ser reconhecido no *Restaurant de Santa Lusía*. Conforme o comunicado no *Correio Mercantil* de 31 de julho de 1859 (p. 3), proporcionava entretenimento através de boa música aos domingos, das quatro horas da tarde até às dez horas da noite em grandes e bastante iluminadas acomodações.

De distintas maneiras, mais ou menos incisivas ou refinadas, a relação entre alimentação e diversão se consolidava. Segundo o *Diário do Rio de Janeiro* (24/09/1864, p. 4), o *Jardeim Brasserie com café restaurant*, dispunha de iluminação todas as noites e concerto musical por professores escolhidos. Renault (1978) declara que os modernos lampiões a gás favoreceram as práticas de lazer noturnas, atraindo cada vez mais interessados. Essa novidade pode ser percebida pelos entusiasmados anúncios que a declaravam, destacando a sua relevância. Já em 1878, o *Ao Chalet Restaurant Campestre* divulgava a presença de luz elétrica em seu espaço (O CRUZEIRO, 23/06/1878, p. 4), cuja novidade era anunciada efusivamente e buscava atrair clientes no período noturno.

Também era comum alguns comunicados de restaurantes fazerem uso da palavra divertimento com o objetivo de atrair clientes e vincular os seus estabelecimentos a essa prática. O *Restaurant do Oriente* constantemente divulgava a realização de bailes e solicitava “aos senhores frequentadores por especial obsequio, se lhes pede para apresentarem decentemente vestidos, para melhor abrilhantar o divertimento” (JORNAL DO COMÉRCIO, 23/03/1861, p. 4). Outro anúncio dele destacava que o empresário estava disposto a cumprir ao público o que prometeu “dando-lhes bailes para seus divertimentos” (JORNAL DO COMÉRCIO, 08/05/1861, p. 4). O *restaurant* em frente ao Jardim Botânico, nos dias de festa santa, encontrava-se habilitado a servir bem as pessoas que “quisessem se divertir”, apontou o *Correio Mercantil* (09/06/1861, p. 3).



Fonte: Correio Mercantil, 09/06/1861, p. 3.

Assim como nos restaurantes, as confeitarias também estavam inseridas em um mercado que valorizava o entretenimento. Em ambos, era comum a oferta de bilhares. Como exemplo, temos o anúncio da confeitaria da Rua do Ouvidor nº 61, que declarou que, a partir de 15 de dezembro de 1853, passariam a existir dois bilhares novamente reformados (CORREIO MERCANTIL, 15/12/1853, p. 4).

Desse modo, nos parece que as instalações exploravam a criatividade como forma de atrair o público. Em outra confeitaria da Rua do Ouvidor, um exótico divertimento foi veiculado pelo *Opinião Liberal* (08/06/1869, p. 4): tinham exposto uma cobra que devorava passarinhos - “[...] com o maior desgosto dos homens de coração, e debaixo das gargalhadas dos moleques de todas as cores e idades, que param para contemplar e gozar tão repugnante cena”.

Ficou claro, até o momento, que nas duas primeiras décadas da segunda metade do século XIX, já era possível visualizar práticas de divertimento nos dois espaços. Porém, é a partir de 1871 que esses atrativos se tornaram mais constantes e diversificados. No último quartel do oitocentos é que percebemos que os restaurantes e confeitarias da capital do Império/República ofertaram diversão de uma forma mais ampla. Esse fato talvez possa ser explicado pela necessidade que esses locais tinham de manter e atrair mais público, ao mesmo tempo em que o mercado do entretenimento era cada vez maior e estruturado, concomitantemente a ampliação dos domínios da cidade.

As novidades que buscavam entreter e atrair o público não cessavam, com diversão e alimentação cada vez mais coligados. O *restaurant do Hotel dos Príncipes*, por ocasião do solene aniversário do dia 07 de setembro, alterou o horário do jantar das dezessete para às vinte horas e anunciou uma brilhante iluminação à luz oxídrica de cores, “Coisa nunca vista até hoje”. Entre a luz elétrica aparecia a sombra do príncipe do Grão Pará, referência a D. Pedro II (O GLOBO, 07/09/1876, p. 4).

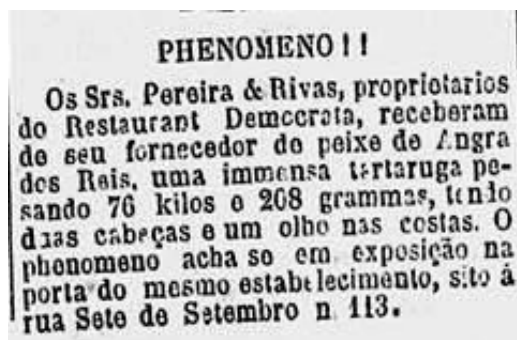
As músicas e instrumentos em restaurantes se tornaram alvo de comunicados e buscaram atrair a população. O *Chalet Restaurant Campestre* destacava que oferecia um piano às “excelentíssimas famílias” que desejassem fazer uso deste instrumento



(O GLOBO, 20/01/1876, p. 2). Nesse mesmo espaço, foi noticiada uma grande festa artística, com uma excelente banda de música e concerto de piano aos domingos, quintas-feiras e sábados, e noites recreativas com divertimento gratuito (O CRUZEIRO, 20/01/1878, p. 8). O *Restaurant Cascata* destacou, no periódico, um grande concerto com música alemã (GAZETA DE NOTÍCIAS, 21/07/1880, p. 6).

O *Café Concerto Eldorado* foi inaugurado em 14 de abril de 1888, sendo considerado o novo centro de diversões. Oferecia boa música, bom *restaurant*, *buffet* recomendável e local apropriado (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 14/04/1888, p. 1). De acordo com o anúncio, tratava-se de uma imitação dos cafés cantantes de Paris. Todas as noites, havia concerto vocal e instrumental dirigido por André Gravenstein. Del Priore (2010) destaca que Paris era a grande inspiração para a capital da Corte, que buscava se modernizar. Para a historiadora, “Paris dominava o mundo. O Rio de Janeiro se contagiava por imitações” (p. 43). Essa era uma prática que identificamos como sendo exclusiva dos restaurantes. Não temos informação quanto a apresentações musicais em confeitarias.

Exposições também eram eventos que tinham local fecundo no ambiente da alimentação. Conforme o jornal *A República* (13/10/1871, p. 4), em uma grande exposição de figuras de ceras representando os principais personagens da guerra franco prussiana, realizada na Rua dos Inválidos, haveria um elegante *restaurant* para maior comodidade do público presente. Já na entrada do *Restaurant Democrata* tinha, em exposição, uma tartaruga pesando 76 quilos e 208 gramas (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 01/04/1887, p. 1).



Fonte: Diário de Notícias, 01/04/1887, p. 1.

Apesar de ocorrer tanto em restaurantes como em confeitarias, era mais comum a exposição de objetos e animais nos locais ligados aos doces. Na *Confeitaria do Leão* foi exposto um retrato do Rei de Portugal, o Sr. D. Luiz I (CORREIO DO BRASIL, 14/04/1872, p. 3). Na *Confeitaria Castellões* ocorreu a exposição de dois ouriços com castanhas cultivadas na província de São Paulo (CORREIO DO BRASIL, 18/04/1872, p. 2), e exposição de licores fabricados em Santa Catarina, que, pelo aspecto, rivalizavam, e pelo sabor, sobressaíam



aos que eram importados da Europa (GAZETA DA TARDE, 10/05/1882, p. 1). Na *Confeitaria do Amorim*, foi exposta uma coroa de louros, oferecida à jovem artista Carolina de Almeida pelos seus admiradores (GAZETA DE NOTÍCIAS, 30/08/1884, p. 3). A *Confeitaria Braço de Ouro* expôs uma planta de Linho, medindo de 6 a 7 palmos de altura (GAZETA DA TARDE, 28/10/1884, p. 2). E na *Confeitaria Ouvidor*, foi exibida uma cobra sucuri que media quatro metros de comprimento (O PAÍS, 20/05/1886, p. 1). Desta forma, concordamos e ratificamos o que destacou Rios Filho (2000, p. 365): “Sempre surgiam, para divertimento público, animais curiosos ou desconhecidos, gentes esquisitas e coisas exóticas”.

Na união entre uma indústria do entretenimento em franco crescimento e urbanização cada vez maior, sob a chancela das ideias modernas, os jogos também foram presença marcante em ambos os espaços. Um dos destaques em todo o período foi o jogo de bilhar. Um dos casos é o estabelecimento comercial denominado de *All' Isola di Caprera*, que se apresentava como *restaurant* e dispunha de seis bilhares disponíveis para quem quisesse se divertir através do jogo apontou *O Fígaro* (1876, p. 143). Esse movimento é percebido em outros locais, sendo uma prática muito difundida. O periódico *O Repórter* (26/07/1879, p. 3) destacou a inauguração da *Confeitaria de Sant'Anna* de Santos e Costa, e divulgou que ela dispunha de confortáveis salões para as famílias e bilhares. Eram seis no total (GAZETA DE NOTÍCIAS, 25/10/1879, p. 2). O local *Ao High Life Santa Thereza* tinha, além de uma confeitaria, charutaria e bilhares (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 12/10/1890, p. 1).

A conexão entre esportes, alimentação e diversão se tornou tão difundida que em alguns casos se tornou difícil identificar qual era, de fato, a atividade principal de alguns empreendimentos. É o caso apontado no *Diário do Rio de Janeiro* (23/10/1878, p. 3) que sinalizou a abertura do mais cômodo, esplêndido e suntuoso espaço de recreio para as famílias, o *Brazilian Garden*. Tratava-se de um elegante empório das mais modernas diversões de salão, composto de vastíssimo espaço com jogos para todas as classes, ginástica, além de comodidade para corrida de velocípedes. Ainda, apresentava magníficos restaurantes com incomparáveis confortos para a família e teatro. Já a *Gazeta de Notícias* (20/01/1879, p. 6) confirmou a tendência e noticiou a imponente reabertura do mais antigo estabelecimento central desta capital, dispondo de música com orquestra a partir das seis horas da tarde, velocípedes, jogos diversos, botequins bem montados, *restaurant* de primeira ordem aberto toda a noite e estreia da companhia lírica francesa. Caracterizava-se um verdadeiro ambiente que mesclava várias atividades ligadas ao entretenimento, desde jogos e atividades físicas à música, esporte e alimentação.

A diversão também era garantida no *Skating Rink*, que dispunha de patinação com orquestra e patinação fantasiada (brilhante quadrilha sobre os patins), e ainda divulgava, no



mesmo espaço, a inauguração do *Club Niniches* com baile de máscaras, iluminação brilhante no jardim, fogos de artifícios e ceias no afamado *Restaurant do Rink* (O REPÓRTER, 16/02/1879, p. 4).

Em contrapartida, os ambientes esportivos também viam na conjunção entre diversão e alimentação uma necessidade. No *Jockey Club* também existia um *restaurant* à disposição do público apreciador das corridas de cavalo. Esse espaço era geralmente alugado e comandado por proprietários de confeitarias da cidade, como o senhor Castellões, da famosa confeitaria que levava seu nome (REVISTA DA SOCIEDADE JOCKEY CLUB, 1871, p. 34). Além do restaurante, também existia uma confeitaria no local (O PAÍS, 10/05/1885, p. 4).

Os espaços de entretenimento, como os hipódromos e o Jardim Zoológico, eram áreas de concentração da população de diversas camadas sociais, com um potencial muito grande para a instalação de restaurantes e confeitarias. Conforme Melo (2010), as corridas de cavalo se tornaram uma grande diversão que podia atender a diferentes camadas, “[...] onde os cavalheiros e as damas das elites iam desfilarem seus trajes novos e sua pompa, e os populares encontravam um pouco de divertimento, iludidos pela possibilidade de melhorar de vida” (p. 57).

O antigo Jardim Zoológico⁷ é uma prova dessa relação. Também dispunha de um *restaurant* (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 04/07/1888, p. 3). O periódico *O País* (12/08/1888, p. 6) destacava que, aos domingos, havia banda de música no jardim. Para facilitar o acesso, existiam bondes da linha Vila Isabel de dez em dez minutos. Esse estabelecimento também era muito utilizado pelos amantes do turfe. Em dias de grande calor, em que havia corridas no Prado de Vila Isabel, ele era requisitado. Além disso, o restaurante gozava de uma bela vista e ar agradável. Dali mesmo, os aficionados pelas corridas de cavalo podiam realizar suas apostas (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 01/01/1890, p. 2).

Identificamos uma prática de diversão pouco convencional e, de certa forma, peculiar se relacionarmos ao período contemporâneo. Era comum a disputa de tiro ao alvo nas confeitarias. Os periódicos nos informam fartamente sobre essas ações. É o que ocorria no recreio da *Confeitaria Estrada de Ferro D. Pedro II* onde havia tiro ao alvo todos os dias, das sete horas da manhã às nove horas da noite, segundo a *Gazeta de Notícias* (05/04/1885, p. 5). No dia 10 de agosto de 1886, foi inaugurado um tiro ao alvo com espingardas no salão da *Confeitaria Ouvidor*, que destacou que “para os atiradores tal lugar será o *utile dulci*”⁸ (O PAÍS, 11/08/1886, p. 1), fazendo referência à “útil e prazerosa” prática. A entrada era gratuita

⁷ Localizado no bairro de Vila Isabel, antigo Jardim Zoológico do Rio de Janeiro (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 01/01/1890, p. 2).

⁸ Para saber mais sobre o emprego do termo *utile dulci* no Rio de Janeiro do século XIX, ver MELO (2014).



(A SEMANA, 14/08/1886, p. 267). Passou a ser comum, nessa confeitaria, a ocorrência de concursos de tiro ao alvo, além da ampliação das opções de divertimento: “aumentando o número de diversões que oferecem aos seus fregueses, os proprietários da *Confeitaria Ouvidor* inauguraram um salão com bilhares, xadrez, bagatelas⁹ e outros jogos” (O PAÍS, 30/11/1886, p.1).

Também, a estrutura física era valorizada e atraía o público nos estabelecimentos de alimentação. A partir da chegada da família real, uma nova sensibilidade foi despertada em relação à paisagem e a natureza passou, também, a ser um objeto que deveria ser domesticado no espaço urbano. De acordo com Terra, “[...] no século XIX, várias foram as áreas verdes no Brasil que serviram de lugar de lazer e diversão” (2010, p. 87), como podemos perceber.

Assim como no *Brazilian Garden*, o *Restaurant Maison Moderne* possuía jardim, salões particulares, caramanchões e balcão com 15 metros de comprimento, além de geladeira sistema Peters, demonstrando toda uma inovação e pioneirismo tecnológico, a fim de garantir o bom estado de suas iguarias e um serviço incomparável a outro estabelecimento (GAZETA DA TARDE, 26/02/1883, p. 4). No ano de 1884, esse mesmo espaço passou por uma reforma e foi reinaugurado, sendo composto de oito salões reservados, um *restaurant* a preços fixos, bilhares, bagatelas e jardins (GAZETA DE NOTÍCIAS, 14/12/1884, p. 6). Como nos outros dois espaços, a *Confeitaria Estrada de Ferro D. Pedro II* também dispunha de jardim de recreio (O CRUZEIRO, 02/09/1878, p. 4).

É notável que os restaurantes também estavam fortemente incorporados e essa tendência e vinculavam a alimentação ao entretenimento. O comer por necessidade física deixou de ser a única motivação para frequentar esses espaços, e a busca pelo divertimento, pelo diferente, pelo refinado, e pela necessidade de se relacionar com outras pessoas passou a ser empregado e motivador para as incursões daqueles que queriam ver e serem vistos.

Assim como os restaurantes, as confeitarias também ofereciam atividades de diversão para seus clientes. Enquanto os primeiros ofertavam, na sua maioria, bilhares, bagatelas, música e jardins, as confeitarias proporcionavam exposições de retratos, plantas, animais e bebidas, campeonatos de tiro ao alvo, xadrez e, também como os restaurantes, jardins, bilhares e bagatelas.

Nesse processo, é possível concordar com Guerrero (2007), quando enfatiza que a vida noturna no Rio de Janeiro já se encontrava muito desenvolvida quando a República foi

⁹ A bagatela é uma peça originária da Alemanha, que consiste em uma mesa de madeira com vários pregos e pequenos buracos na tábua que possibilitam que uma pequena bolinha arremessada por um propulsor caia dentro deles e, assim, o jogador some pontos. Muito parecido com o *pinball* (JORNAL DE SANTA CATARIANA, 2013).



proclamada, no final de 1889. O autor ainda complementou que “essa atividade noturna, em público, girava em torno de uma refeição, o teatro e o após teatro” (p. 207), ou seja, em espaços de alimentação como restaurantes e confeitarias.

Tanto os restaurantes quanto as confeitarias e os locais de práticas esportivas estavam inseridos, se moldando e se adaptando a uma realidade cada vez mais perceptível, que era o desenvolvimento eminente de uma indústria do entretenimento. A alimentação era parte integrante e essencial de um ambiente moderno e “divertido”. O Rio de Janeiro, mesmo com suas características peculiares, a exemplo das grandes cidades e de vasta parte do mundo ocidental, estava introduzido nesse cenário.

Esses fatores expostos podem nos levar a entender de maneira sólida o comportamento adotado por restaurantes e confeitarias em busca dos seus públicos, ainda mais se levarmos em conta que se situavam em pontos fixos da cidade. Era um perfil diferente dos circos e apresentações teatrais, por exemplo, outro tipo de diversão que frequentava o Rio de Janeiro, que eram itinerantes e podiam rodar o Brasil em busca de novos clientes. Sendo assim, eles procuravam conservar e atrair seus frequentadores através dos serviços prestados, cardápio, produtos comercializados, espaço físico, ambientes reservados, música, jogos e exposições, que tinham que se manter atualizados e capazes de cativar a população. Era uma demanda da época vastamente explorada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que alimentação, esportes e diversão são práticas distintas, cada uma com suas características. Ao mesmo tempo, seria plausível analisar essas questões de forma isolada? É possível pensar a alimentação servida em ambientes públicos sem vinculá-la à diversão? Seria razoável investigar historicamente locais de prática esportiva sem relacionar a alimentação a esses espaços? Ou, ainda, é aceitável reconhecer algum esporte sem tomá-lo, também, pelo menos parcialmente, como uma diversão? Na nossa opinião, de acordo com todos os argumentos e documentos apresentados nesse artigo, há uma única resposta: não. Alimentação, esportes e diversão são aspectos distintos que compõe a sociedade carioca do século XIX. Todavia, se ligam em muitas questões e, também, são o resultado de um processo de modernização e ampliação de um importante centro, certamente o mais importante no Brasil do século XIX.

Ao crescer, enriquecer, atrair gente de toda a sorte e cultura, a cidade se torna diversa ao seu modo. É o caso do Rio de Janeiro no período oitocentista que teve uma importância destacada nesse momento, tanto no cenário regional, nacional e internacional. Se era capital política, também era ponto de encontro de pessoas, de ideias, debates e diversões. É provável que esse não tenha sido um fenômeno isolado, mas é correto afirmar



que as características econômicas, culturais e sociais do Rio de Janeiro tornaram essa integração e relação, iminente. Alimentação, esportes e diversão são variáveis que estão inseridas na formação histórica da cidade como fragmentos fundamentais que se encaixam perfeitamente para a compreensão do seu desenvolvimento e funcionamento, de forma isolada ou conjugada, mas sempre esteios para a sua interpretação.

REFERÊNCIAS

BELLUZZO, Rosa. **Machado de Assis: relíquias culinárias**. São Paulo: Editora Unesp, 2010a.

_____. **Nem garfo nem faca: à mesa com os cronistas e viajantes**. São Paulo: Editora Senac, 2010b.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CRULS, Gastão. **Aparência do Rio de Janeiro**. V. I. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

FREIXA, Dolores; CHAVES, Guta. **Gastronomia no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009.

GUERRERO, Enrique Raúl Rentería. **O sabor moderno: da Europa ao Rio de Janeiro na República Velha**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

JORNAL DE SANTA CATARINA. **Conheça a bagatela, nova brincadeira oferecida pelos clubes de caça e tiro na Oktoberfest em Blumenau**. Santa Catarina, 06 de out. de 2013. Disponível em: <<http://jornaldesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/noticia/2013/10/conheca-a-bagatela-novabrincadeira-oferecida-pelos-clubes-de-caca-e-tiro-na-oktoberfest-em-blumenau4292223.html>>. Acesso em 23/07/2015.

KARLS, Cleber Eduardo. **Modernidades sortidas: o esporte oitocentista em Porto Alegre e no Rio de Janeiro**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017a.

KARLS, Thaina Schwan. **Comida, bebida e diversão: uma análise comparada do perfil de restaurantes e confeitarias no Rio de Janeiro do século XIX (1854-1890)**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017b.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In. PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade divertida: entretenimentos no Rio de Janeiro do Século XIX**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2022.

_____. **Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.



_____. O esporte como forma de lazer no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do XX. In: MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. **A gymnastica no tempo do Império**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. 2 ed. Porto Alegre: Ed. Universidade. UFRGS, 2002.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PRIORE, Mary Lucy Murray Del. Em casa, fazendo graça: domesticidade, família e lazer entre a Colônia e o Império. In: MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

RENAULT, Delso. **Rio de Janeiro: a vida da cidade refletida nos jornais (1850-1870)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978.

_____. **O dia-a-dia no Rio de Janeiro: segundo os jornais (1870-1889)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1982.

RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. **O Rio de Janeiro Imperial**. Rio de Janeiro: Univer Cidade, 2000.

SANT'ANNA, Denise. Higiene e higienismo entre o Império e a República. In: PRIORE, Mary Del; AMANTINO, Marcia (orgs.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 283-314.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (Coord.). **A abertura para o mundo: 1889-1930**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

_____. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870 - 1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Alberto da Costa e (coord.). **Crise Colonial e Independência (1808-1830)**. Vol. 1 - História do Brasil Nação (1808-2010). Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

TERRA, Carlos Gonçalves. O prazer no jardim. In: MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

FONTES

A REPÚBLICA. Rio de Janeiro. 1871, 13 de out., p. 4.

A SEMANA. Rio de Janeiro. 1886, 14 de ago., p. 267.

CORREIO DO BRASIL. Rio de Janeiro. 1872, 14 de abr., p. 3.

CORREIO DO BRASIL. Rio de Janeiro. 1872, 18 de abr., p. 2.

CORREIO MERCANTIL. Rio de Janeiro, 1853, 15 de dez., p. 4.

CORREIO MERCANTIL. Rio de Janeiro, 1856, 04 de ago., p. 3.

CORREIO MERCANTIL. Rio de Janeiro, 1859, 31 de jul., p. 3.



CORREIO MERCANTIL. Rio de Janeiro. 1860, 20 de set., p. 3.
CORREIO MERCANTIL. Rio de Janeiro. 1861, 09 de jun., p. 3.
CORREIO MERCANTIL. Rio de Janeiro. 1861, 20 de jul., p. 3.
DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro. 1864, 24 de set., p. 4.
DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro. 1878, 23 de out., p. 3.
DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. 1887, 01 de abr., p. 1.
DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. 1888, 14 de abr., p. 1.
DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. 1888, 04 de jul., p. 3.
DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. 1890, 01 de jan., p. 2.
DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. 1890, 12 de out., p. 1.
GAZETA DA TARDE. Rio de Janeiro. 1882, 10 de mai., p. 1.
GAZETA DA TARDE. Rio de Janeiro. 1883, 26 de fev., p. 4.
GAZETA DA TARDE. Rio de Janeiro. 1884, 28 de out., p. 2.
GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. 1879, 20 de jan., p. 6.
GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. 1879, 25 de out., p. 2.
GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. 1880, 21 de jul., p. 6.
GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. 1884, 30 de ago., p. 3.
GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. 1884, 14 de dez., p. 6.
GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. 1885, 05 de abr., p. 5.
JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro. 1861, 23 de mar., p. 4.
JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro. 1861, 08 de mai., p. 4.
O CRUZEIRO. Rio de Janeiro. 1878, 20 de jan., p. 8.
O CRUZEIRO. Rio de Janeiro. 1878, 23 de jun., p. 4.
O CRUZEIRO. Rio de Janeiro. 1878, 02 de set., p. 4.
O FÍGARO. Rio de Janeiro. 1876, p. 143.
O GLOBO. Rio de Janeiro. 1876, 20 de jan., p. 2.
O GLOBO. Rio de Janeiro. 1876, 07 de set., p. 4.
O PAÍS. Rio de Janeiro. 1885, 10 de mai., p. 4.
O PAÍS. Rio de Janeiro. 1886, 20 de mai., p. 1.
O PAÍS. Rio de Janeiro. 1886, 11 de ago., p. 1.
O PAÍS. Rio de Janeiro. 1888, 12 de ago., p. 6.
O PAÍS. Rio de Janeiro. 1886, 30 de nov., p. 1.
O REPÓRTER. Rio de Janeiro. 1879, 16 de fev., p. 4.
O REPÓRTER. Rio de Janeiro. 1879, 26 de jul., p. 3.
OPINIÃO LIBERAL. Rio de Janeiro, 1869, 08 de jun., p.4.
REVISTA DA SOCIEDADE JOCKEY CLUB. Rio de Janeiro. 1871. p. 34.